

Monica Maria F. Pereira Seixas

Organizadora



Coletânea de Memórias Literárias e Artigos de opinião

Projeto de Extensão - Tema:

*“Respeitem meus  
cabelos, brancos”*

IFPB - Campus João Pessoa



Coletânea de Memórias Literárias e Artigos de opinião  
Projeto de Extensão – IFPB – Campus João Pessoa

Tema:

*“Respeitem meus  
cabelos, brancos”*

Organizadora  
Monica Maria F. Pereira Seixas

Copyright © 2023, Editora Oitica, alguns direitos reservados

Copyright do texto © 2023, os autores

Copyright da edição © 2023, Editora Oitica



Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercialSemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Editora Oitica pelos autores e organizadores desta obra. O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade dos seus autores, não representando a posição oficial da Editora Oitica.

contato@editoraoitica.com.br | [www.editoraoitica.com.br](http://www.editoraoitica.com.br)  
João Pessoa, PB

#### **CONSELHO EDITORIAL**

Ana Karine Farias da Trindade Coelho Pereira (UFPB)

Danielle Fernandes Rodrigues (UFPB)

Geraldo Barboza de Oliveira Junior (IFRN)

Hieny Quezzia de Oliveira Bezerra (FCU)

José Gláucio Ferreira de Figueiredo (UFCE)

José Moacir Soares da Costa Filho (IFPB)

José Nikácio Junior Lopes Vieira (UFPB)

Julyana de Lira Fernandes Gentle (FCU)

Larissa Jacheta Riberti (UFRN)

Luiz Gonzaga Firmino Junior (UFRN)

Mayara de Fátima Martins de Souza (PUC/SP)

Sandra Cristina Morais de Souza (UFF)

Wendel Alves Sales Macedo (UFPB)

*“Respeitem meus  
cabelos, brancos”*

**Coletânea de Memórias Literárias e Artigos de opinião**  
**Projeto de Extensão - IFPB - Campus João Pessoa**  
**Tema: “Respeitem meus cabelos, brancos”**

**Organizadora:**

Monica Maria F. Pereira Seixas

**Editor:**

Heitor Augusto de Farias Oliveira

**Autores:**

Ester de Oliveira Barros

Lucas C. Miranda de Almeida

Maria Beatriz Vinagre Farias

Miguel Firmino Pereira Seixas

Maria Clara de Sousa Lucena

Sofia Roxanne Felix Gomes

Gabriel H. Vinagre Farias

Maitê C. Miranda de Almeida

Mel Batista Castro de Macedo

Lavínia Andrade Galiza

Samuel G. de Araújo Targino

Sophia dos Santos Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

“Respeitem meus cabelos, brancos”: coletânea de memórias literárias e artigos de opinião projeto de extensão IFPB campus João Pessoa / organização Monica Maria F. Pereira Seixas. -- João Pessoa, PB : Editora Oiticica, 2023.

Vários autores.

**ISBN 978-85-85264-15-4**

1. Artigos - Coletâneas 2. Memórias (Gênero literário) I. Seixas, Monica Maria F. Pereira.

**23-159356**

**CDD-869.803**

Índices para catálogo sistemático:

1. Memórias : Literatura brasileira 869.803

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



### **MONICA MARIA F. PEREIRA SEIXAS**

Monica Maria F. Pereira Seixas é doutora e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling/UFPB). Possui graduação em Letras pela UFPB. Atua como professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no campus João Pessoa do IFPB, no curso de Licenciatura em Letras.

É autora do livro Novo Acordo Ortográfico: comentado e Ilustrado e da Coleção Mais saber - Ensino Médio publicados pela Editora Grafset. Dedicar-se, entre outros trabalhos, à pesquisa na área de EaD, com ênfase em material didático e em Ambiente Virtual de Aprendizagem. Também tem dedicado seus estudos à Psicologia Positiva e suas contribuições para educação e para neurodiversidade, especificamente as Altas Habilidade/Superdotação.

O propósito mais lindo de sua vida é ser mãe de Miguel.

## SUMÁRIO

Apresentando o Projeto de Enriquecimento Curricular	9
Compreendendo as Altas Habilidades / Superdotação	13
Escutando e falando sobre as emoções	19

### **Memórias Literárias**

Uma história de saudades	25
A nossa bandeira	27
Um dia de pescaria	29
O lanche Abençoado	31
Memórias como água corrente	33
O valor de um presente	35
Histórias doces como cana-de-açúcar	37

### **Artigos de Opinião**

Apropriação Cultural: branca de turbante, pode?	41
Apropriação cultural ou não?	43
A utilização de turbantes por não negros é apropriação cultural?	45
Desvalorização e fronteiras culturais	47
Preconceito nos dias atuais	49





## AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFPB por subsidiar este projeto, em especial ao Departamento de Inovação, Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão, Cultura e Desafios Acadêmicos (DIPPED).

Ao Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação da Paraíba - NAAH/S, representado pela coordenadora Vitória Peres Rios Ferreira Cherfên, pela parceria na mediação com as famílias e estudantes atendidos/as pelo Núcleo e à psicóloga Marianne Estrela no acompanhamento das atividades.

Às professoras Analice Pereira, Anna Líbia Chaves, Josali do Amaral e Isabelle Wanderley na condução das oficinas.

Às professoras Rebeca Vinagre Farias e Maria Carolina Da Silva Simplício na colaboração deste livro.

Às famílias dos/as estudantes participantes do projeto por acreditarem no nosso trabalho e terem se dedicado, de forma tão parceira, nas atividades propostas.

Especialmente, aos/às estudantes com Altas Habilidades / Superdotação por terem tornado nosso projeto tão verdadeiro e necessário. Aprendemos muito com vocês!



## APRESENTANDO O PROJETO DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR

A trajetória escolar de estudantes com Altas Habilidades/Superdotação, para além das questões inerentes a todo estudante, é tomada por muitos desafios. Nesse amplo contexto, podemos destacar a importância de se articular um sistema educacional que respeite e valorize a diversidade bem como o atendimento especializado às diferentes áreas de interesse.

Nesse sentido, reconhecemos a importância de pensar propostas de intervenção educacional que contemplem, ainda que parcialmente, as especificidades de estudantes indicados com AH/SD. Para isso, vimos, como uma estratégia necessária e exequível, o enriquecimento curricular por meio de atividades de extensão, buscando compreender o processo a partir de uma abordagem centrada nos interesses do estudante de forma humanista, visando favorecer, além do conhecimento curricular as relações sociais do estudante e dos seus pares.

Também como uma preocupação central, buscamos contemplar uma temática que aborda e contribui para formação crítica e cidadã dos estudantes. Para isso, o presente projeto, inspirado em uma ação do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFPB-Campus João Pessoa e em consonância com as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que versam acerca da inserção da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos da Educação brasileira, teve como tema gerador as relações étnico-raciais.

O projeto foi intitulado com um verso do cantor e compositor paraibano Chico César: “Respeitem meus cabelos, brancos”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Verso de Chico César e título de uma canção gravada em álbum homônimo, no ano de 2002, pela MZA/Abril Music.

Ressaltamos, ainda, que o referido título também foi inspirado no I Concurso Literário do NEABI, 2019, cuja produção resultou em uma coletânea, coordenada e organizada pela professora Analice Pereira, com as Crônicas dos finalistas no concurso.

Para o desenvolvimento deste projeto, baseamo-nos no modelo triádico apresentado por Renzuli (2004), classificado em 03 tipos: o tipo I, que consiste em atividades exploratórias em que os/as estudantes são expostos/as ao conteúdo de forma estruturada e tradicional, à temáticas novas, a novos conteúdos que sejam do interesse do grupo; o tipo II que visa aprofundar os conhecimentos compreendidos por meio de materiais suplementares, subsidiados com teorias, extrapolação do conteúdo e; o tipo III, concebido por meio dos padrões de desenvolvimento de pessoas criativas e talentosas, que prezam por um modelo educacional intuitivo, buscando a autonomia dos/as discentes, individualmente ou em grupos pequenos, com a finalidade de se construir resultados significativos e de se atingir resultados impactantes.

Para a realização dos trabalhos, foi firmado um termo de cooperação entre o IFPB, representado pelo Grupo Integrador de Extensão e Pesquisa em Altas Habilidade/Superdotação - GIEPAHS e o Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação da Paraíba - NAAH/S. Contamos, ainda, com a colaboração dos docentes e discentes vinculados ao Grupo de Estudos sobre Ensino de Literaturas e de Língua Portuguesa numa Perspectiva Integradora – GEELLPI e do Núcleo de Educação Positiva – NEP.

Participaram das atividades, os estudantes atendidos pelo NAAH/S-PB sob a autorização dos/as seus/suas responsáveis. Para a definição do espaço do projeto, a triagem de área de interesse foi realizada por meio de entrevistas e portfólios desenvolvidos pelos profissionais do NAAH/S.

Os encontros presenciais foram realizados nas dependências do IFPB sob a responsabilidade do Grupo Integrador de Extensão e Pesquisa em Altas Habilidade/Superdotação – GIEPAHS, em parceria

com o GEELLPI e NEP e foram desenvolvidas com base nas especificidades do gênero textual bem como a natureza de cada atividade. Sendo assim, os encontros foram organizados em 2 (duas) turmas: Turma Carolina Maria de Jesus – Memórias literárias - (7-12 anos) e Turma Conceição Evaristo – Artigo de opinião (13-17 anos).

Como as oficinas aconteceram sob o mesmo tema gerador, alguns dos encontros foram realizados com as duas turmas juntas. A exemplo da aula cuja temática foi “As relações étnico-raciais a partir da História”, ministrada pela professora Josali do Amaral (IFPB) e a aula “As relações étnico-raciais a partir da Biologia”, ministrada pela professora Isabelle Wanderley (UFPB).

Contamos também com a condução da professora Analice Pereira nos encontros voltamos para a produção dos Artigos de Opinião e com a professora Anna Libia Chaves nos momentos intitulados “momento zen”, espaço em que foram desenvolvidas atividades voltadas para o bem-estar emocional dos/as estudantes.

Os recursos utilizados para o desenvolvimento das atividades foram subsidiados pelo Edital nº 12/2022 - Programa Institucional de Bolsas Extensão, Cultura e Inovação do Campus João Pessoa

Estimamos que, ao término do projeto, as atividades desenvolvidas tenham sido significativas para os estudantes e que tenham contribuído para a sua formação cidadã e acadêmica, a partir da discussão de uma temática tão necessária e urgente, sobretudo no nosso país.

Acreditamos, também, que esta ação foi bastante expressiva para os estudantes, pois além de materializar os trabalhos desenvolvidos, proporcionou momentos que puderam contribuir para o bem-estar e, conseqüentemente, suas potencialidades, de modo que se pode reconhecer e ampliar as habilidades socioemocionais e funções executivas para o desenvolvimento dos seus talentos.

*Monica Maria F. Pereira Seixas*



# COMPREENDENDO AS ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTAÇÃO

Rebeca Vinagre Farias  
Maria Carolina da Silva Simpício

Os conceitos acerca de pessoas com Altas Habilidades/Superdotação passaram por diversas transformações ao longo do tempo, acompanhando a própria evolução de termos norteadores como inteligência, talento, superdotação, dentre outros. Percebe-se, na atualidade, uma visão menos reducionista dos conceitos e uma melhor compreensão dos aspectos norteadores desse público. As pessoas com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) formam um grupo heterogêneo, com atributos diferentes e habilidades diversificadas, cuja diferenciação perpassa por dimensões de cognição, de aprendizagem, de motivação e/ou de personalidade. Essas pessoas apresentam inteligências múltiplas que dialogam entre si, como inteligência linguística, lógico-matemática, musical, inter e intrapessoal, cinestésica, espacial, naturalista, espiritual e existencial (ALMEIDA; FLEITH; OLIVEIRA, 2013; PALUDO; LOOS-SANT`ANA; SANT`ANA-LOSS, 2014). Fica evidente, por isso, a necessidade da união de esforços da tríade família/escola/sociedade em prol do desenvolvimento global de pessoas com AH/SD em diferentes contextos, que vão desde a inclusão no contexto escolar até a sensibilização familiar e social voltada para o direcionamento de meios seguros para que essas pessoas sigam desenvolvendo suas potencialidades.

Para compreender melhor esse conceito, fazemos o convite para passear por duas grandes teorias que explicam o fenômeno AH/SD e sua multidimensionalidade: a primeira é conhecida como a teoria dos três anéis, proposta por um psicólogo norte-americano chamado

Joseph Renzulli, conhecido por desenvolver o modelo dos três anéis quanto à superdotação, o qual promoveu uma ampliação do conceito vigente. Os três anéis que compõe o comportamento superdotado são: habilidade acima da média, criatividade e motivação. A habilidade acima da média se observa ao a apresentar uma média dos indivíduos da mesma classe socioambiental e identificar desvios na curva padrão, ou seja, ao se prover vários indivíduos com os mesmos recursos externos o acréscimo de um recurso interno intransferível desencadeia resultados visivelmente superiores aos demais. (RENZULLI, 1986; REIS; BURNS; RENZULLI, 1992). A habilidade acima da média pode se manifestar num domínio verbo-linguístico superior ao de sua idade, uma de ter idade matemática, uma facilidade na manipulação de instrumentos musicais, um conhecimento físico-corporal naturalmente mais desenvolvido, entre outras características, algumas mais ou menos fáceis de se observar. Segundo Renzulli (1986; 2005) as habilidades superiores podem ser divididas em duas categorias distintas: a superdotação acadêmico-escolar e a superdotação criativa-produtiva.

A superdotação escolar é também conhecida como a “habilidade do teste ou da lição escolar”, pois é o tipo mais facilmente mensuradas pelos testes de Quociente de Inteligência (QI), são aquelas mais exigidas pelas escolas no processo de aprendizagem regular e tradicional, são elas: habilidades linguísticas, lógico-matemática, entre outras. Dessa forma, os estudantes que apresentam o QI acima da média também tendem a obter notas altas em disciplinas que contemplam tais áreas do conhecimento acadêmico-escolar. Já a superdotação produtiva-criativa implica no desenvolvimento de materiais e produtos originais; aqui o destaque é no uso e aplicação da informação e processos de pensamento criativos, ou seja, destacam-se, com esse tipo de superdotação, indivíduos que conseguem ter um pensamento amplo, e a partir disso ver novos significados e implicações, como também é possível identificar a facilidade de retirar



ideias de um determinado contexto e usá-las em outro (RENZULLI, 1977; 1986).

A segunda teoria que explica o fenômeno da AH/SD foi desenvolvida pelo psicólogo estadunidense Howard Gardner a partir da teoria das múltiplas inteligências. O autor acredita que as inteligências dependem de variáveis do contexto, da cultura, da genética e das oportunidades de aprendizagem de uma pessoa, o que faz com que os indivíduos expressem duas competências em diferentes graus. Além disso, as habilidades e inteligências se combinam para que a pessoa possa desempenhar vários papéis exigidos na sociedade de seu convívio (GARDNER; HATCH, 1998).

De acordo com Gardner (1995), é comum que a criança não apresente apenas um tipo de inteligência; ela pode combinar muitas delas para desempenhar um determinado papel ou desenvolver um produto, diferentes situações exigem tipos de inteligência, com isso, o autor nos convida a visualizar inteligência como fenômeno multidimensional, e então, nos propõe a sua presunção. Gardner acredita na existência de nove inteligências, são elas: Intrapessoal- que corresponde a ao entendimento a respeito de si. Espacial- capacidade de e ver o mundo em uma maior dimensão; Musical- diferenciar som, ritmos, tons e timbre; Lógico-matemática- fazer e provar quantificação de hipótese; Existencial- questionar o porquê vivemos e porque morremos; Interpessoal – entender os sentimentos e motivações das pessoas; Corporal-cinestésica- coordenar sua mente com o seu corpo; Linguísticas- encontrar as palavras certas para se expressar; Pictórica- reconhecer e traduzir ideias por meio de imagens, desenhos e pinturas.

Os autores supracitados contribuíram para uma grande reflexão sobre AH/SD quando se acreditava que, apenas os testes de inteligência identificavam AH/SD, tal discussão nos leva a refletir que os tradicionais testes que mensuram a inteligência podem ser bons preditores de habilidades acadêmicas, mas mostram ter pouco impacto na predição de outras inteligências que eles não contemplam

em sua avaliação, essas inteligências refletem a superdotação produtivo-criativa.

Em congruência com as duas teorias descritas acima, o Ministério da Educação (MEC), compreende que os estudantes com Altas Habilidades/Superdotação são aqueles que demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes; também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (BRASIL, 2008).

Apesar dos avanços científicos e sociais, as pessoas com AH/SD ainda sofrem desafios decorrentes dos mitos e visões pré-concebidas historicamente. Dentre eles, o mito de que essas pessoas apresentam desempenho acadêmico superior em todas as áreas do conhecimento ou ainda o mito de que o QI é o único pré-requisito para a superdotação. Além destes, a ideia de que as AH/SD são inatas ou apenas produto do meio também gera visões pré-concebidas que afetam diretamente na vida dessas pessoas. A potencialização das AH/SD sofre impacto de fatores genéticos / biológicos, de fatores ambientais / culturais / sociais, além de aspectos de personalidade individuais relacionados à autoestima, autoeficácia, dentre outros (ANTIPOFF; CAMPOS, 2010; VIRGOLIM, 2003). Esses autores observaram ainda outras crenças errôneas que afetam negativamente no desenvolvimento pleno das pessoas com AH/SD, incluindo a relação direta entre AH/SD e condição psicossocial. Existe uma certa assincronia entre desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento emocional e psicomotor, por isso o avanço intelectual nem sempre é acompanhado pelo desenvolvimento simultâneo de domínios psicológicos, o que pode acarretar problemas educacionais e vulnerabilidades sociais. Da mesma forma, não se pode pensar em altas habilidades como condição exclusiva de pessoas com condição socioeconômica satisfatória (ALMEIDA; FLEITH; OLIVEIRA, 2013; PALUDO; LOOS-SANT`ANA; SANT`ANA-LOSS, 2014)

Quando pensamos em identificação, acompanhamento e intervenção deve-se levar em consideração os aspectos multifacetados do fenômeno e as singularidades das pessoas com AH/SD. A visão generalista que não respeita as características e as habilidades únicas prejudicam a educação inclusiva e a rede de apoio familiar e social. É no eixo familiar e educacional que a criança pode se desenvolver plenamente e potencializar seus talentos (ROCHA et al, 2022). Nesse contexto, a pesquisadora Neumann (2022; p.19) reflete:

*Que a educação para a criança, a(o) adolescente e adulta(o) superdotada(o) necessita é aquela que existe a proteção que envolve a firmeza e a seriedade, sem o autoritarismo; a justiça e a organização, sem preconceitos e discriminação da individualidade; o amparo às crises do desenvolvimento com atitudes afetuosas e calorosas que permitam se viver e desfrutar a vida com responsabilidade junto com a permissão para a potência de vir a ser, de se tornar quem se deseja, bem como a paciência de acompanhar e cuidar de um ser complexo que está aprendendo a se regular, que está ávido por crescer e, ao mesmo tempo, sente a dor deste processo e, muitas vezes, resiste e até retrocede para, adiante, avançar novamente.*

Por fim, é preciso investimento adequado pelos órgãos públicos do governo federal sobre a educação especial, bem como sensibilidade, capacitação e empenho por parte de escolas / educadores e, por fim, uma dinâmica familiar satisfatória.



# ESCUTANDO E FALANDO SOBRE AS EMOÇÕES

Anna Líbia Araujo Chaves  
Monica Maria F. Pereira Seixas

*A escola é a própria vida.*

*(John Dewey, 1897, apud Nóvoa, 2022, p. 18)*

Ao longo das últimas décadas e em virtude de mudanças de paradigmas na educação, muito se tem pesquisado sobre a educação socioemocional (habilidades que auxiliam a pessoa a lidar consigo mesma, a relacionar-se com os outros e a executar tarefas (estudar, trabalhar etc.) de maneira competente e ética) no ambiente escolar. Acrescentamos, ainda, estudos desenvolvidos no âmbito da educação positiva – aplicação da psicologia positiva à educação, preconizando que as habilidades para o bem-estar podem e devem ser ensinadas nas escolas junto às tradicionais habilidades para a qualificação e realização profissional (Green & cols., 2011; Norrish & cols., 2013; Waters, 2011, apud Cintra e Guerra, 2017, p. 507).

Muito temos a descobrir, mas o fato é que começamos a perceber a importância de estarmos bem (psicologicamente falando) e satisfeitos, dentro do ambiente de sala de aula (e para além dele), o que, como já comprovado por meio de pesquisas acadêmicas, traz benefícios como: trabalhar enquanto aliado no combate ao diagnóstico crescente de depressão; servir como um modo para aumentar a satisfação com a vida; auxiliar para uma melhor aprendizagem e para um pensamento mais criativo. (Seligman, 2019, p. 93-94).

António Nóvoa (2022, p. 15), ao falar do modelo escolar, aponta a escola como meio capaz de “conduzir todos os alunos às aprendizagens”, como também do “seu papel na construção de uma vida em comum”. Ao pensarmos em uma ampliação nesse modelo acrescentamos que a escola pode ser um instrumento eficaz, capaz de ensinar, dialogar, trabalhar a aprendizagem, a importância e o uso consciente e adequado das emoções e seus efeitos positivos para o sucesso na aprendizagem bem como para a manutenção do ser psicologicamente saudável.

Com base nessas premissas e visando implementar a promoção do bem-estar a crianças caracterizadas pelas Altas Habilidades/Superdotação no projeto de extensão intitulado *Projeto Integrador na área de Linguagem para estudantes do NAAHS: respeitem meus cabelos, brancos*, apresentamos algumas atividades que desenvolvemos com os participantes do projeto. Esse momento acontecia sempre no início de cada encontro, como uma forma de acolhida, e foi chamado de *momento zen*. Na ocasião, os alunos eram estimulados a pensar sobre as suas emoções.

Em um primeiro momento, nós nos sentamos no chão da sala e conversamos sobre o livro *Emocionário* (Pereira; Valcárcel, 2018), o qual define algumas das emoções que sentimos ao longo da nossa trajetória de vida. Falamos sobre a importância de reconhecer o que estamos sentindo e aprender a gerenciar e regular as nossas emoções, quando necessário. Como o projeto foi destinado a um público bastante específico, observamos algumas questões: a dificuldade de alguns participantes de identificar o que estavam sentindo bem como a espontaneidade e sinceridade por parte de outros, notadamente os mais novos.

Em um segundo encontro, propomos uma outra atividade a partir da contação de história por meio de um vídeo retirado do *youtube* do livro *Sinto o que sinto e a incrível história de Astar e Jaser* (Ramos, 2019), de Lázaro Ramos. Essa narrativa apresenta as várias emoções pelas quais uma criança passa ao longo de um dia ordinário. Ao final, o

menino Dan relata o orgulho que sente por saber de sua ancestralidade negra, contada pelo avô. Após assistirem, as crianças foram estimuladas a recontar a história fazendo alusão às emoções que identificaram na narrativa. Tentamos fazer a relação com o dia a dia deles, pedindo que expressassem o que eles sentem quando estão na escola, com os colegas e em casa, com a família em um dia comum. A intenção era fazê-los identificar as suas emoções e, em grupo, buscarmos soluções para nossos conflitos relacionados ao que sentimos.

Observamos o quanto ainda não damos a devida importância em falar sobre as nossas emoções e o quanto as pessoas, de um modo geral, sentem a necessidade de serem ouvidas. E promover este espaço de bem-estar pode transformar o ambiente o qual é compartilhado entre essas crianças, principalmente o escolar.

Consideramos primordial uma especificação mais elaborada sobre o público com o qual estávamos trabalhando: crianças e adolescentes com Altas Habilidades/Superdotação.

A importância de destinar um tempo nos nossos encontros para que os/as estudantes pudessem ouvir, falar, discutir sobre as emoções demarcou o quão legítimo esse espaço deve ser rotina nas práticas de sala de aula, e para estudantes AHSD não poderia ser diferente.

As pessoas com AHSD formam um grupo muito heterogêneo, o que dificulta o entendimento das suas especificidades, em especial dos aspectos relacionados aos comportamentos, às emoções, às relações sociais. Nesse sentido e pela não compreensão das condições emocionais por que passa o AHSD, há um direcionamento, um olhar exclusivo para o desenvolvimento cognitivo, intelectual em detrimento da formação emocional desse público.

O foco para as habilidades cognitivas, por muitas vezes, sobreia as necessidades de fala e escuta das pessoas com Altas Habilidades/Superdotação. Como consequência, esse olhar limitante e excludente reforça possíveis dificuldades do AHSD compreender suas próprias emoções e comprometer as interações e o desenvolvimento

social. Por essa razão, entendemos que as dimensões cognitivas e emocionais podem e devem caminhar juntas, promovendo um espaço acolhedor e afetivo na busca pelo florescimento individual e coletivo. Afinal, é possível ser feliz coletivamente.



## *Memórias Literárias*



## **UMA HISTÓRIA DE SAUDADES**

(Ester de Oliveira Barros)

Olá meu nome é MarluCIA Braz Lima dos Santos, tenho 60 anos de idade, trabalho como comerciante, nasci em São João da Serra-PIAUÍ, e me autodeclaro negra. Vim contar uma memória da minha infância.

Na minha época, poucas coisas a gente tinha para brincar. Não tinha boneca, mas a gente improvisava com sabugo de milho. Sabugo de milho era as nossas bonecas, mas a minha mãe fazia bonecas de pano que chamava naquela época, muito bonitas. Para a gente aquilo era tudo, a gente fazia bonecas de sabugo, casinhas feitas de galhos de árvore. A gente só brincava com isso, pois não tinha boneca que nem hoje, não tinha bola para brincar. A gente fazia castelos de areia e também brincava de roda, pega-pega, ping-pong e eram essas as nossas brincadeiras e eu era muito feliz. Naquela época, as crianças eram muito mais felizes do que hoje em dia.

Sabe que hoje com 60 anos eu sinto saudade, sabia? Porque hoje eu vejo as crianças desperdiçando seu melhor momento, tem muita criança que não aproveita esse momento de criança. Crianças que já querem ser adultas antes do tempo. Eu aproveitei muito. Sabia que eu vim namorar aos 18 anos? Foi maravilhosa a minha infância é por isso que ainda estou viva e eu posso dizer os melhores anos da minha vida foram nesse tempo.

### **ESTER DE OLIVEIRA BARROS**

Ester tem 8 anos de idade. Nasceu em Campina Grande-PB e mora em Seridó-PB. Estuda na escola Manoel Cordeiro na turma do 3º ano. Gosta muito de ler, brincar e estudar. É muito curiosa, quando crescer pretende ser astronauta. “Só quero dizer que amei participar desse projeto”.

## **A NOSSA BANDEIRA**

(Gabriel Henrique Vinagre Farias)

Era um dia muito quente, fim de semana de uma primavera da minha infância na década de 90, quando eu tinha quase 10 anos. Era época de Copa do Mundo e, nesse período, meus pais costumavam fazer objetos relacionados ao Brasil. Nessa época, as crianças faziam seus próprios brinquedos e era muito boa a sensação. Brincávamos de peão, bola de meia, boneco de pano, pega-pega e passávamos o dia na rua da nossa casa. Enquanto nós brincávamos, nossas mães faziam alguma comida para a gente, normalmente pipoca. Na casa de um deles, tinha uma parreira, e com as uvas dela nós tomávamos suco de uva com a pipoca que nossa mãe fazia. Até hoje eu tenho a sensação feliz de estar brincando.

Nesse ano eu e meu pai resolvemos fazer uma bandeira do Brasil para torcer por nosso país na Copa. Era divertido porque a gente fazia enquanto comia pipoca. Ela era grande, maior que eu, e nós usamos papelão, papel e o caule de uma árvore. Nós passamos 2 dias fazendo-a até que ficou pronta e eu achei o resultado muito bom. Nós usávamos essa bandeira para torcer pelo Brasil, e a cada jogo que o Brasil ganhava, tínhamos a certeza de que era a bandeira que estava trazendo sorte. Num dos jogos da fase de grupo, nós fomos todos assistir na casa de minha vó e esquecemos de levar a bandeira. O Brasil perdeu logo nesse dia.

Isso foi na Copa de 1994. Como o Brasil ganhou, nós ficamos muito felizes nesse ano. Até hoje eu guardo com carinho a bandeira e a foto dela pronta, segurando-a bem na hora que o Brasil foi campeão. E sempre me lembro daquele momento na esperança de que eu possa revivê-lo algum dia com meus filhos e com os netos que ainda terei.

### **GABRIEL HENRIQUE VINAGRE FARIAS**

Gabriel tem 10 anos e faz o 5º Ano do Ensino Fundamental no Colégio Marista Pio X. São muitos anos de uma vida repleta de números, lógica, cálculos com o infinito, cubos mágicos e muitos esportes, como xadrez, judô e vôlei, além de brincadeiras com os amigos.

## **UM DIA DE PESCARIA**

(Lucas Cavalcanti Miranda de Almeida)

Eu me chamo Maria Luzia da Conceição, eu tenho 64 anos de idade e minha profissão é ser doméstica. Nasci na cidade de Guarabira e me considero parda.

Eu ia para o rio que ficava em Lourenço (PB) e ia para lá com as minhas amigas que se chamavam Mazé e Maria Penha. Íamos pescar com a puçá e enquanto os peixes não chegavam nós brincávamos na beira do rio.

Quando voltamos para casa, a gente estava com um saco com muitos peixes, nós lavávamos os peixes e depois comíamos os peixes.

**LUCAS CAVALCANTI MIRANDA DE ALMEIDA**

Lucas tem 8 anos e estuda no 3º ano do Motiva Oriental. Sempre foi fascinado pelas letras e números e começou a ler bem cedo. Gosta de brincar com as palavras, criando charadas e trava línguas que divertem toda a família



## **O LANCHE ABENÇOADO**

(Maitê Cavalcanti Miranda de Almeida)

Meu nome é José Cidalino, tenho 62 anos e sou funcionário público estadual. Nasci no município de Riacho dos Cavalos (Paraíba) e me considero uma pessoa de cor parda.

Um momento da minha infância que me marcou foi quando eu e a minha irmã estudávamos no colégio das freiras em Catolé do Rocha e necessariamente tínhamos que levar o lanche que nossa mãe preparava.

Como toda criança, nós também abusávamos o lanche de casa e queríamos comer um lanche comprado na cantina da escola, e nossa mãe sabendo que a gente tinha crença e que era temente a Deus, dizia que se nós jogássemos o lanche fora, o “cão” iria comer aquele lanche.<sup>2</sup>

Então um dia minha irmã chegou muito feliz porque descobriu uma coisa: como o “cão” detesta Deus, se nós jogarmos o lanche fora e falarmos a seguinte frase: Coma “cão” pelo amor de Deus! Então não teríamos mais o sentimento de culpa e nem de pecado, pois o “cão” não iria atender um pedido de amor de Deus, e assim passamos a comprar sempre o lanche: pão francês com doce de leite e coco ou tapioca com coco.

---

<sup>2</sup>Maitê Cavalcanti acompanhou o irmão Lucas Cavalcanti nas atividades do projeto. Embora não seja atendida pelo NAAHS, Maitê participou ativamente de todas as atividades propostas.

**MAITÊ CAVALCANTI MIRANDA DE ALMEIDA**

Maitê tem 10 anos e faz o 5º ano no Motiva Oriental. Desde que descobriu a leitura e o mundo dos livros, nunca mais parou. Hoje, ela coleciona histórias e a sua imaginação sempre a leva a vários lugares.

## **MEMÓRIAS COMO ÁGUA CORRENTE**

(Maria Beatriz Vinagre Farias)

Quando eu era mais nova, lá na década de 80, eu morava com minha mãe e meus irmãos perto da mata. Todo dia bem cedinho eu me lembro de irmos nos aventurar na mata para pegar água no rio que corria lá perto.

E assim começávamos o dia, cheio de sorrisos e brincadeiras. Lembro da sensação de correr na areia me divertindo com meus irmãos. Eu me divertia muito nadando na água gelada, uma das minhas partes favoritas era tentar encontrar a pedra mais bonita para brincarmos de amarelinha. Certo dia, nessa busca no rio, meu irmão achou uma pedra linda, ela era transparente, acho que era um cristal. Fomos jogar com ela como se fosse uma pedra de rio qualquer. Hoje, nos lembramos disso e rimos.

Depois de recolher a água nos vasos e entregar para nossa mãe, estávamos liberados para ir brincar no meio das árvores. Era um momento muito feliz. Nós brincávamos de esconde-esconde, pega-pega, e várias outras que inventávamos. A parte que eu mais gostava era me pendurar nos cipós e escalar as árvores para me divertir e conversar olhando o movimento da mata.

Nós também íamos muito ao cajueiro que tinha lá perto de casa. Era muito bom ficarmos todos no cajueiro nos divertindo e nos lambuzando com o caju. Na hora de escalar, subia primeiro o mais novo, pois todos ajudavam, e assim por diante. Eu subia por último, pois sou a mais velha. Já na descida, tinha um risco maior de nos machucarmos e descíamos segurando uma corda que prendemos ali.

Era uma rotina muito alegre e cheia de privilégios. Uma das melhores etapas da minha vida, momentos que nunca vou esquecer e que definem quem eu sou.

### **MARIA BEATRIZ VINAGRE FARIAS**

Maria Beatriz tem 11 anos e cursa o 6º Ano Fundamental no Colégio Marista Pio X. Com Bia, a vida tem que ter brilho, quanto mais, melhor. Fascinada por gemologia, está sempre empolgada com algum mineral. Mistura isso com cultura e deuses gregos, muita leitura, meditação e relaxamento, *lettering* e astronomia. Um mix bem exótico para uma criança de sua idade.

## **O VALOR DE UM PRESENTE**

(Mel Batista Castro de Macedo)

Olá, meu nome é Elton e tenho 38 anos de idade. Trabalho como porteiro e nasci na cidade de Queimadas no estado da Paraíba e me autodeclaro pardo. A casa onde morava ficava na zona rural da cidade, lá criava alguns animais, havia uma barragem próximo de casa e tinha um galinheiro nos fundos.

O momento da minha infância que me traz ótimas lembranças se passou em uma época na minha vida onde não se ganhava muitos presentes em datas comemorativas devido a condições financeiras ou pelo simples fato de não ser tão importante presentear. Pois, nessa época eu tinha uma galinha garnisé de cor branca e não tinha o galo para formar o casal e desejava ganhar um galo que fosse semelhante a ela.

No dia do meu aniversário de 12 anos, a minha mãe visitou a minha tia Maria que era a irmã mais velha da minha mãe e morava em um sítio distante, na mesma cidade, e lá havia um galo garnisé de cor branca, perfeito para ser o casal da minha galinha, e minha mãe logo lembrou que aquele seria o meu presente ideal levando-o para nossa casa.

Lembro até hoje da emoção que senti ao ganhar aquele presente tão simples, mas tão significativa para mim. Logo eles tiveram incontáveis pintinhos, todos muito parecidos. E hoje, depois de adulto, guardo em minhas lembranças um momento tão simples, mas de um valor inestimável, lembrando que o importante não é o valor do presente, e sim o significado que ele representa para cada um de nós. Queria que acontecesse novamente para voltar a sentir aquela emoção!

**MEL BATISTA CASTRO DE MACEDO**

Mel tem 8 anos, está cursando o 4º ano do ensino fundamental, filha única, ama ler sobre os mais variados assuntos. Quer ser médica, mas também quer ser ilustradora de anime. Sonha acordada e tem uma imaginação sem fim.

## **HISTÓRIAS DOCES COMO CANA-DE-AÇÚCAR**

(Miguel Firmino Pereira Seixas)

Tem um momento que me traz muita felicidade. Eu tinha 8 anos e morava com meus avós no interior de Pernambuco, na cidade de Palmares, morava na usina que produzia álcool e açúcar. Eu morava com meu irmão e alguns primos. Então, sempre no final de tarde, a gente ia para a usina buscar cana-de-açúcar, juntava os primos, pegava a cana, levava para casa e ficava no quintal da casa da minha vó. A gente descascava, chupava cana, ficava brincando. Esses são momentos que me trazem muita felicidade. Foi uma época muito feliz da minha vida.

Lá na minha avó tinha muitas árvores, era como um sítio. Tinha pé de goiaba, de manga. Então, foi uma experiência muito legal na minha vida que me remete às lembranças boas. Quando vou a algum sítio, sempre me lembro desses momentos que vivi com meus primos na casa dos meus avós. Eu sinto muita saudade, pois foi um momento muito importante da minha vida. Até hoje, quando chupo uma manga, lembro daquela época que eu era pequena. Eu era criança muito feliz ao lado da minha família.

Na minha família, não tinham muitas pessoas negras. Só tinha eu, um primo e minha avó que éramos negros, mas sempre que estava com minha família me sentia feliz e acolhida e, por isso, trago boas lembranças até hoje.

### **MIGUEL FIRMINO PEREIRA SEIXAS**

Miguel tem 8 anos, está cursando o 4º ano no Colégio GGE. Gosta de jogar, assistir TV, ler comédia e livros científicos. Sonha em ser engenheiro mecatrônico e *designer* gráfico para fazer animação. Deseja um mundo mais justo e que a natureza seja preservada.



## *Artigos de Opinião*



## **APROPRIAÇÃO CULTURAL: BRANCA DE TURBANTE, PODE?**

(Lavínia Andrade Galiza)

Para iniciarmos a discussão, temos que compreender o significado do termo. Sendo assim, entendemos que apropriação cultural se dá quando um grupo dominante pega tradições de povos minoritários e as utilizam para fins comerciais deturpando a origem e significado das práticas ou peças.

O conceito de apropriação cultural que conhecemos hoje surgiu nos anos 80 tendo sido estabelecido por teóricos do movimento negro norte-americano. Todavia, o britânico Kenneth Coutts-Smith (1929-1981) foi um dos primeiros a discutir o tema em "*Some General Observations On The Problem Of Cultural Colonialism*", de 1976. O estudo reúne a visão marxista de apropriação de classe, o colonialismo cultural e a problemática envolvida.

Essa discussão chegou ao Brasil importada dos EUA e, a maior parte da população não entende do assunto, pois quem teve acesso à literatura estrangeira sobre o tema foram pessoas com boas condições econômicas e culturais, ou seja, uma minoria, de certa forma privilegiada devido a tantos déficits no processo de aquisição do conhecimento no nosso país.

Voltando ao cerne da questão, entendemos que uma pessoa branca usar um turbante não pode ser considerada apropriação cultural por dois motivos que explicaremos a seguir.

O primeiro motivo, é que o turbante feminino existe em várias culturas, e a versão usada no Brasil tem uma origem diretamente portuguesa trazida por imigrantes do Minho e da Galiza (Norte de Portugal). Portanto, a origem desse tipo de turbante não é exclusivamente africana, como muitos imaginam.

O outro motivo, é que uma ação individual não é capaz de deturpar uma cultura inteira. Como uma pessoa desconhecida pode

apagar uma história? Essa interpretação equivocada ocorre devido à falta de acesso à formação cultural, pois a maioria dos brasileiros não tem conhecimento acerca dessas discussões, que sempre estiveram reservadas ao meio acadêmico. E, é com esse tom professoral, que esses estudiosos usam e com o qual passam em suas falas que, inconscientemente, esse tema chega a ser um insulto ao expectador que nunca imaginou tais questões.

Então, diante das alegações citadas, que consideramos já serem suficientes, afirmamos que uma pessoa não negra usar um turbante, que é uma arte global, não pode ser considerada uma apropriação cultural, pois outros motivos existem para tal comportamento, que podem ser estéticos, religiosos ou oriundos da tradição (origem) das pessoas.

### **LAVÍNIA ANDRADE GALIZA**

Lavínia, 13 anos, aluna do 8º ano do Ensino Fundamental. Pratica esportes desde os 3 anos, sendo atualmente atleta de Ginástica Artística, sua maior paixão. É autodidata nos estudos das culturas e línguas de vários povos do mundo, com destaque para os povos orientais e indígenas, inclusive utiliza suas habilidades no desenho e na pintura para representá-los. Ter participado da Oficina de Linguagem foi uma ótima oportunidade de aprendizagem e interação com seus pares a partir de um tema que tanto aprecia.

## **APROPRIAÇÃO CULTURAL OU NÃO?**

(Maria Clara de Sousa Lucena)

A apropriação cultural consiste em um grupo adotar uma prática, vestuários ou objetos de um grupo social marginalizado fora de seu significado sagrado ou político.

Esse debate começou a ganhar fama no Brasil quando uma mulher branca postou em uma rede social que tinha usado turbante na rua e tinha sido alvo de olhares tortos por mulheres negras. Evidências científicas apontam que todos os seres humanos têm a mesma origem, viemos todos da África. Essencialmente todos somos iguais, mas no contexto em que vivemos muitos grupos sociais são discriminados. O turbante tem uma importância sagrada, sendo usado em religiões africanas e afro-brasileiras, podendo ser usada por pessoas brancas sem ter seu significado religioso tirado.

Portanto, podemos chegar à conclusão de que usar turbantes não é necessariamente uma apropriação cultural, tudo depende do contexto em que ele é utilizado.

**MARIA CLARA DE SOUSA LUCENA**

Maria Clara tem 14 anos e sonha em ser engenheira, tendo a esperança de um dia estudar no IME. Tem um irmão mais velho e seis cachorros.

## **A UTILIZAÇÃO DE TURBANTES POR NÃO NEGROS É APROPRIAÇÃO CULTURAL?** (Samuel Gabínio de Araújo Targino)

A moda sempre acaba se renovando, no entanto, tem seus casos e descasos. Muitas modelos brancas hoje em dia, são criticadas por usarem turbantes, o que na minha opinião, é uma apropriação cultural. O turbante teoricamente falando pode ser usado sim tanto por negros quanto brancos, mas a mesmíssima moda vem tirando toda a sua significação religiosa. Onde toda a história e conceito são perdidos em meio as tendências do mercado e da forma que o produto é consumido.

Dentre os conceitos dos direitos humanos está a liberdade de expressão, direito esse que deixa de ser aceitável a partir do momento que você fere os direitos de outra pessoa e é isso que acontece em grande parte dos casos de racismo. O preconceito vem de vários anos no passado começando com a relação entre os europeus e os escravos, que induziram africanos e indígenas a abandonarem suas tradições e culturas. Na época, só consideravam cidadãos (ou até mesmo seres humanos de verdade) se fossem brancos. Hoje os negros e 'índios' são pessoas, que sofrem diariamente discriminação pela "raça" (até porque todos somos a raça humana, estamos falando das etnias).

A exemplo disso, está o caso arquivado chamado "Caso Dandara Tonantizin" publicado dia 18 de dezembro de 2017 pelo site 'Jornalistas Livres'. O texto disserta sobre a agressão que Dandara sofreu em festa no dia 22 de abril daquele mesmo ano porque um homem branco se sentiu incomodado com a presença de uma negra com um turbante. Os agressores foram culpados por "injúria racial" e na data que a notícia saiu, eles já estavam soltos. E no início o próprio website comparou esse evento com a chegada dos portugueses há mais de 500 anos atrás.

Uma mulher negra colocar um turbante ou tranças deveria significar a reafirmação de uma cultura reprimida por séculos. Mas, a

moda insiste em apresentar a sociedade peças históricas por mulheres e homens, em sua grande maioria brancos.

A moda tanto pode como deve ser vinculada a imagem real da cultura. Então, creio que os profissionais da moda propagam várias culturas e tentam novos tipos de vestimentas, só acho que estão representando de forma errada.

### **SAMUEL GABÍNIO DE ARAÚJO TARGINO**

Um garoto de 14 anos, adora ler e jogar videogame e, no momento, está cursando o 9º ano no Colégio AZ João Pessoa. Filho mais velho com apenas um irmão, sua mãe (Marcela) viu o curso como uma ótima oportunidade para que ele pudesse desenvolver as suas habilidades.



## **DESVALORIZAÇÃO E FRONTEIRAS CULTURAIS**

(Sofia Roxanne Felix Gomes)<sup>3</sup>

Há uma certa confusão sobre apropriação cultural no Brasil. Apesar de estarmos em uma época de informações globalizadas com fronteiras de informações quase inexistentes, em que culturas se “misturam” facilmente, podemos observar que esse é um tema bastante complexo e muito discutido atualmente.

A cultura pode ser conceituada como um conjunto de conhecimentos, costumes e valores que um grupo específico compartilha entre si, já a apropriação é o ato de se apoderar, tomar posse. Dessa forma, juntando os dois conceitos, temos o termo “apropriação cultural”, que não é nada mais do que a adoção de elementos específicos de uma cultura por um grupo cultural diferente.

Para Rodney William, antropólogo e autor doutor em ciências sociais, “a apropriação social é uma estratégia de dominação que visa apagar a potência de grupos histórica e sistematicamente inferiorizados, esvaziando de significados todas as suas produções, como forma de promover seu genocídio simbólico”. Do meu ponto de vista, isso se torna errado quando não há o reconhecimento e valorização da cultura, que é o que geralmente acontece, principalmente porque essas culturas não são bem aceitas, mas em cenários de apropriação se tornam aceitáveis.

Em contraposição, em algumas situações, pode ocorrer o letramento racial, que é quando há a busca para conhecer os costumes de um povo de uma etnia, a qual não pertence, mas quer utilizar de artefatos de uma cultura.

Por exemplo, num caso de uso de turbante por uma pessoa não negra, devem ser analisados dois pontos. Primeiramente, o quanto o turbante é bastante desrespeitado e discriminado por outros grupos

---

<sup>3</sup> Discente bolsista do Projeto de Extensão.

(em sua maioria, pessoas brancas). Em segundo lugar, é necessário o conhecimento histórico-cultural sobre turbante, para não banalize e nem retire seu significado. Porém, essa discussão vai muito além disso, pois se trata, substancialmente, de racismo,

Por fim, a questão sobre essa “dominação” cultural é certa ou errada? Pessoalmente, acho que depende de como ela está situada. Se usado o conceito de Rodney William, deve ser pensada sobre a desvalorização de culturas, mas ocorrendo o letramento racial, é como se tivéssemos retirando as fronteiras entre culturas.

### **SOFIA ROXANNE FELIX GOMES**

Filha do meio, adora ler e dormir (se pudesse só faria isso a vida inteira). Tem 16 anos e faz o Curso Técnico Integrado em Edificações no IFPB. Ela diz que esse projeto “abriu portas” na vida acadêmica dela.

## **PRECONCEITO NOS DIAS ATUAIS**

(Sophia dos Santos Silva)<sup>4</sup>

O racismo é o preconceito, discriminação ou antagonismo por parte de um indivíduo, comunidade ou instituição contra uma pessoa ou pessoas pelo fato de pertencer a um determinado grupo social ou ético, tipicamente marginalizado ou uma minoria.

Sendo o racismo, algo do passado, atualmente ainda há muito preconceito, em todos os lugares do mundo, incluindo o Brasil. Uma pesquisa publicada em 2011 indica que 63,7% acreditam que a raça interfere na qualidade de vida dos cidadãos. Dados do fórum brasileiro de segurança pública mostram que foram registradas quase 20 mil denúncias de crimes raciais no Brasil em 2021. Em média, mais de 50 casos por dia.

Entretanto, limitamos muito esse tipo de preconceito, é necessário que seja visto sobre diversos aspectos, como social, religioso, político, cultural e geográfico. Apesar de, na escola, aprendermos que racismo é errado, na prática, é algo estruturado na sociedade. A população negra, indígenas ou qualquer grupo que seja "minoria" sempre foi tratada como inferior.

Pesquisas recentes mostram que pouquíssimas pessoas, brasileiras, foram condenadas por racismo, porém são por injúria social, já que o Supremo Tribunal Federal decidiu que o crime de injúria racial configura um dos tipos penais de racismo e imprescritível. Mas, continuamos nos perguntando, isso é o suficiente? Acredito que não, racismo é um crime abominável, algo que não deveria estar no passado e continua sendo passado de forma hereditário.

Por fim, sabemos que precisamos tratar o racismo de forma mais veemente e enfático para que seja repudiado. A grande pergunta é: como podemos mudar a situação? É preciso uma mudança na sociedade geral, principalmente na elite, empresas, governos e cidadãos.

---

<sup>4</sup> Discente bolsista do Projeto de Extensão.

### **SOPHIA DOS SANTOS SILVA**

Faz o curso técnico integrado em Edificações no IFPB. Tem 15 anos e é a filha mais nova de seis irmãos. Ama ler e sempre que pode tira um tempo para assistir filmes, que é a grande paixão dela. Sobre o projeto: deu a ela novas oportunidades na área acadêmica.





## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S.; FLEITH, D. S.; OLIVEIRA, E. P. **Sobredotação: Respostas educativas**. 1ª edição. Braga: ADIPSIEDUC, 2013.

ANTIPOFF, C. A.; CAMPOS, R. H. F. Superdotação e seus mitos. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 301-309, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **A construção de práticas educacionais para alunos com Altas Habilidades/Superdotação: v. 1 a 4**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular-BNCC** – disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

CINTRA, C. L. e GUERRA, V. M. Educação Positiva: A aplicação da Psicologia Positiva a instituições educacionais. In: **Psicologia Escolar e Educacional**. SP, Volume 21, 2017.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas: a Teoria na Prática**. 1ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GARDNER, H.; HATCH, T. Multiple intelligences go to school: Educational implications of the theory of multiple intelligences. **Educational Researcher**, v. 18, p. 4-9, 1998.

NEUMANN, P. A sobre-excitabilidade e a educação nas altas habilidades ou superdotação. **Revista Cocar**, Belém do Pará, v. 17, n. 35, p. 1-20, 2022.

NÓVOA, A. **Escolas e professores** – proteger, transformar, valorizar. (Colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PALUDO, K. I.; LOOS-SANT`ANA, H.; SANT`ANA-LOOS, R. S. **Altas Habilidades / Superdotação: Identidade e Resiliência**.1ª edição. Curitiba: JURUÁ, 2014.

REIS, S. M.; BURNS, D. E.; RENZULLI, J.S. **Curriculum compactinh**. The complete guide to modifying the regular curriculum for high ability students. Mnsfield Center, CT: Creative Learning Press, 1992.

RENZULLI, J. S. **The Interest-a-Lyser**. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press, 1977.

RENZULLI, J. S. **The Three-ring conception of giftedness: A developmental model for creative productivity**. In: J.S RENZULLI,; S .M. REIS (Eds.), *The triad reader*, v. 2, p. 9-12, 1986.

RENZULLI, J. S. The Theere-Ring conception of giftedness. A developmental model for promoting creative productivity. **Conceptions of giftedness**. 2a edição. New York: Cambridge University Press. 2005, p. 246-279.

ROCHA, A.; PERALES, R. G.; ZIEGLER, A.; RENZULLI, J. S.; GANÉ, F.; PFEIFFER, S. I.; LUBART, T. **A inclusão educativa nas altas capacidades: argumentos e perspectivas**. 1ª edição. Porto: ANEIS, 2022.

SELIGMAN, M. E. P. **Florescer** – uma nova e visionária interpretação da felicidade e do bem-estar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.



VIRGOLIM, A. M. R. A criança superdotada e a questão da diferença: Um olhar sobre as necessidades emocionais, sociais e cognitivas. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 13-31, 2003.

